



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**A PRÁTICA AGRÍCOLA FAMILIAR E A PESCA ARTESANAL DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DO ENGENHO SIQUEIRA – RIO FORMOSO, PERNAMBUCO**

Maria Clara de Lima Azevedo

Recife – PE
2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
CURSO DE GEOGRAFIA LICENCIATURA**

Maria Clara de Lima Azevedo

**A Prática Agrícola Familiar e a Pesca Artesanal da Comunidade Quilombola
do Engenho Siqueira – Rio Formoso, Pernambuco**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Geografia
Licenciatura da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito para a obtenção
do título de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Vanice Santiago
Fragoso Selva

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Azevedo, Maria Clara de Lima.

A prática agrícola familiar e a pesca artesanal da Comunidade Quilombola do Engenho Siqueira - Rio Formoso, Pernambuco. / Maria Clara de Lima Azevedo. - Recife, 2024.

56 p. : il.

Orientador(a): Vanice Santiago Fragoso Selva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia - Licenciatura, 2024.

Inclui referências, apêndices.

1. Comunidade Quilombola Engenho Siqueira. 2. Rio Formoso - Pernambuco. 3. Agricultura Familiar. 4. Pesca Artesanal. I. Selva, Vanice Santiago Fragoso. (Orientação). II. Título.

910 CDD (22.ed.)

MARIA CLARA DE LIMA AZEVEDO

A Prática Agrícola Familiar e a Pesca Artesanal da Comunidade Quilombola do Engenho Siqueira – Rio Formoso, Pernambuco

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Geografia
Licenciatura da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito para a obtenção
do título de Licenciada em Geografia.

Aprovado em: 19/12/2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vanice Santiago Fragoso Selva (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Priscila Batista Vasconcelos (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa.Msc. Solange Fernandes Soares Coutinho (Examinadora Externa)
Universidade de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por ter me ajudado em todos os momentos desta fase da minha vida. Jesus é meu refúgio e minha fortaleza, e, ao falar em fortaleza, quero agradecer também à minha família.

A minha mãe Sílvia Lima, que sempre me apoiou e me incentivava em todos os instantes, por nunca ter desistido de mim e por sempre me aplaudir de pé. Quero agradecer também ao meu pai Marcos Antônio, por me proporcionar a educação, por sonhar e acreditar sempre no melhor para mim e para meu irmão e conseguiu! Agradeço também ao irmão José Arthur, muito obrigada por ser minha inspiração e minha referência.

Agradeço aos meus avós Severina Lima, Ivonete Almeida, Hildo Severino e à minha estrela no céu, meu avô Jorge Guilhermino, que são os meus alicerces.

Agradeço a toda minha família, às minhas madrinhas e aos anjos que Deus me enviou nesta trajetória, que lutaram junto comigo. À minha “Panelinha” da Faculdade, nas pessoas de Ana Paula, Adrielly Maria, Kamila Vitória, Victoria Regina, Layane Maria, Bruno José, Caio Eduardo e Samara da Silva, obrigada pelos sorrisos, choros, conversas, estresses, pelo companheirismo, apoio e amizade. Agradeço muito a Deus por ter colocado vocês em minha vida.

Deus sabia de tudo e me conduziu por uma trilha linda, com pessoas iluminadas, especiais e amáveis, que me ajudaram em todo o processo. Obrigada “Papai do céu”, obrigada mãezinha, obrigada minha Santa Ana, pela fé e proteção durante todos esses anos.

Agradeço à minha orientadora, Dra. Vanice Selva, pela orientação, paciência e por todos os ensinamentos compartilhados. Agradeço também as pessoas da comunidade quilombola do Engenho Siqueira que abriram suas portas e dedicaram um tempo para me escutar e compartilhar suas experiências. Muito obrigada, meu Deus, por tudo que faz em minha vida.

RESUMO

A prática agrícola familiar e a pesca artesanal são atividades importantes que garantem a fonte de renda de muitas famílias no Brasil. Na comunidade Quilombola do Engenho Siqueira, localizada no município de Rio Formoso, Pernambuco, agricultura familiar e pesca artesanal têm garantido a fonte de renda e a alimentação de muitas famílias, as quais têm seguido princípios e garantido a sustentabilidade do meio ambiente e conservação dos saberes tradicionais adquiridos pelos seus ancestrais. Este estudo tem como objetivo compreender como os pescadores da comunidade associam a pesca às práticas agrícolas, com intuito de entender melhor as técnicas, o manejo e a maneira que eles realizam essas atividades. A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, com coleta de informação feita por meio de entrevistas, as quais permitiram aprofundar o entendimento sobre as práticas diárias da pesca e agricultura. Para atender os objetivos, foi utilizada também a pesquisa bibliográfica para análise e revisão do conteúdo abordado neste trabalho. Os resultados obtidos, abordam que as práticas da agricultura e a pesca na comunidade quilombola são realizadas de forma sustentável, com foco no fortalecimento da identidade cultural e na subsistência de muitas famílias, nas quais recebem cursos e orientações por meio da Associação da Comunidade Quilombola Engenho Siqueira, através da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Rio Formoso, do Instituto Agrônômico de Pernambuco, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, entre outros. Conclui-se que as famílias residentes no Engenho Siqueira adotam práticas agrícolas e pesqueiras responsáveis, voltadas para a conservação ambiental.

Palavras-chave: Comunidade Quilombola Engenho Siqueira; Rio Formoso-Pernambuco; Agricultura familiar; Pesca artesanal.

ABSTRACT

Family farming and artisanal fishing are important activities that guarantee the source of income for many families in Brazil. In the Quilombola community of Engenho Siqueira, located in the municipality of Rio Formoso, Pernambuco, family farming and artisanal fishing have guaranteed the source of income and food for many families, who have followed principles and guaranteed the sustainability of the environment and conservation of the traditional knowledge acquired by their ancestors. This study aims to understand how the fishermen of the community associate fishing with agricultural practices, in order to better understand the techniques, management and the way they carry out these activities. The research uses a qualitative approach of exploratory character, with information collected through interviews, which allowed to deepen the understanding of the daily practices of fishing and agriculture. To meet the objectives, bibliographic research was also used for analysis and review of the content addressed in this work. The results obtained address that the practices of agriculture and fishing in the quilombola community are carried out in a sustainable way, with a focus on strengthening the cultural identity and subsistence of many families, in which they receive courses and guidance through the Association of the Quilombola Community Engenho Siqueira, through the Secretariat of Agriculture and Environment of Rio Formoso, the Agronomic Institute of Pernambuco, the Brazilian Agricultural Research Corporation, among others. It is concluded that the families residing in Engenho Siqueira adopt responsible agricultural and fishing practices, aimed at environmental conservation.

Keywords: Quilombola Community Engenho Siqueira; Rio Formoso- Pernambuco; Family Farming; Artisanal Fishing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto	Página
01 Mapa de Localização do Município de Rio Formoso	20
02 Mapa de Localização da Comunidade Quilombola do Engenho Siqueira	21
03 Associação da Comunidade Quilombola Engenho Siqueira	24
04 Igreja Assembleia de Deus	24
05 Escola Municipal Quilombola José Minervino Roberto	25
06 Museu JAHBES	25
07 Bica Quilombola	26
08 Plantação de cultura permanente – Laranja terra	27
09 Plantação de cultura permanente – Açafrão	27
10 Plantação de cultura permanente – Café	27
11 Plantação de cultura permanente – Banana	27
12 Plantação de cultura temporária – Abacaxi	28
13 Plantação cultura permanente – Cana de açúcar	28
14 Plantação de cultura temporária – Jerimum	28
15 Plantação de cultura temporária – Pimenta de cheiro	28
16 Pães de Milho e Jerimum	29
17 Planta Chambá – tosse	30
18 Planta Liga osso – fortalecer ossos	30
19 Carrapicho barba de boi – catarro na bexiga	30
20 Cana de Brejo – rins	30
21 Práticas de cultivo usando a técnica matumbo	32
22 Práticas de cultivo usando a técnica ilha	32
23 Casa de farinha – Sítio Santa Maria	35

24 Casa de Farinha – Sítio São João	36
25 Instrumento de pesca – rede	39
26 Instrumento de pesca – gererê	39
27 Instrumento de pesca – teteia	39
28 Varas de suporte para as redes de pesca	39
29 Instrumento de pesca – canoas	40
30 Casa para guardar os materiais da pescaria	40
31 Viveiro de peixes	40

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. COMUNIDADE QUILOMBOLA, AGRICULTURA FAMILIAR E PESCA ARTESANAL: Uma revisão bibliográfica	12
2.1 Comunidades Quilombolas	12
2.2 Agricultura Familiar	14
2.3 Pesca Artesanal	16
3. METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA	17
4. UMA DESCRIÇÃO SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA ENGENHO SIQUEIRA	19
5. AS PRÁTICAS AGRÍCOLA E PESQUEIRA REALIZADAS PELA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO ENGENHO SIQUEIRA	26
5.1 Como é realizada a agricultura	26
5.2 A atividade da pesca	37
5.3 Entre a pesca e a agricultura: como a comunidade organiza o trabalho	41
6. CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE 1	51
RESUMO DO PROJETO	51
APÊNDICE 2	52
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	52
APÊNDICE 3	53
CORRESPONDÊNCIA DOS ENTREVISTADOS COM CÓDIGOS	53
APÊNDICE 4	54
PERGUNTAS DAS ENTREVISTAS	54
PERGUNTAS SOBRE A PESCA	54
PERGUNTAS SOBRE A AGRICULTURA	55
PERGUNTAS SOBRE A AGRICULTURA E A RELAÇÃO COM A PESCA	56
PERGUNTAS SOBRE O SISTEMA AGROFLORESTAL	56

1. INTRODUÇÃO

A pesca artesanal e a agricultura familiar são práticas importantes que garantem a fonte de renda de famílias no Brasil. A comunidade quilombola do Engenho Siqueira, que está localizada no município de Rio Formoso, Pernambuco, é uma comunidade onde a maior parte das famílias que lá residem fazem as atividades da pesca e agricultura para a subsistência, aplicando os conhecimentos dos ancestrais, tornando essas práticas sustentáveis. Dessa maneira, é importante compreender a prática agrícola familiar e a pesca artesanal da comunidade quilombola do engenho Siqueira.

Para a realização deste trabalho foi utilizada uma abordagem qualitativa. Inicialmente, foi feita uma pesquisa bibliográfica para aprofundamento teórico sobre agricultura familiar, pesca artesanal e sobre a Comunidade Quilombola. As informações sobre a pesca e a agricultura realizadas no Engenho Siqueira foram coletadas primordialmente por meio de entrevistas, que serviram como base para compreender mais sobre a comunidade quilombola. Posteriormente, uma análise das informações obtidas nas entrevistas realizadas foi feita, fundamentada na teoria encontrada na pesquisa bibliográfica para discussão e conclusão. A pesquisa tem como objetivo adquirir novos conhecimentos sobre esses temas, buscando uma melhor compreensão como são realizadas essas atividades na comunidade.

O objetivo geral do trabalho foi compreender como os pescadores tradicionais da comunidade quilombola do Engenho Siqueira associam a pesca às práticas agrícolas, com o propósito de entender como eles associam a pesca às práticas agrícolas. Para atender o objetivo geral, foram definidos objetivos específicos.

No primeiro objetivo específico, o trabalho busca explicar a prática da pesca artesanal na comunidade, apresentando quais os equipamentos utilizados, as vendas nos municípios próximos e as orientações e capacitações que recebem por meio de cursos e oficinas através da colônia de pescadores de Rio Formoso. O outro objetivo foi descrever como realizam a agricultura familiar na comunidade, destacando os cultivos, o manejo, as técnicas que aplicam através dos conhecimentos adquiridos pelos ancestrais e pelas capacitações que recebem. Por

fim, o trabalho buscou entender como a pesca artesanal e a agricultura familiar complementam-se nas atividades da comunidade, abordado sobre a interdependência das atividades e suas contribuições sustentáveis para o meio ambiente.

Os resultados obtidos demonstraram que a pesca artesanal e agricultura familiar são práticas comuns no dia a dia dos moradores que conservam o meio ambiente e os saberes dos ancestrais, garantindo renda para muitas famílias. Dessa maneira, a pesquisa buscou descrever a cultura e as práticas da comunidade quilombola Engenho Siqueira, contribuindo como registro e valorização cultural e das práticas tradicionais da comunidade, destacando seu papel fundamental na contribuição da sustentabilidade local e conservação ambiental.

O trabalho tem como objetivo contribuir como um registro das práticas sustentáveis, sendo uma referência para aqueles que desejam conhecer e valorizar a cultura quilombola.

O interesse pelo desenvolvimento do tema deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) surgiu durante uma aula de campo realizada entre os dias 14 a 16 de Agosto de 2023, por meio da disciplina de Educação Ambiental, onde foi possível conhecer o município de Rio Formoso e a comunidade quilombola do Engenho Siqueira. Durante essa aula de campo foi realizada uma trilha com a participação de Moacir Correia, líder local da comunidade, que apresentou a cultura, o ambiente e a vegetação da comunidade, despertando um interesse maior em compreender a comunidade quilombola do Engenho Siqueira, a cultura local, os hábitos, costumes e tradições, além de como utilizam os ensinamentos dos ancestrais na agricultura e pesca.

Diante das observações feitas durante a visita à comunidade, percebe-se que é importante estudar, sob uma perspectiva geográfica, como as práticas se especializam na localidade, como eles produzem o espaço agrícola e o espaço da pesca, tema que se enquadra na geografia da agricultura. A pesquisa busca compreender melhor como a agricultura e a pesca são realizadas, os métodos utilizados e como são aplicados, além de entender como os agricultores e pescadores trabalham em parceria para compartilhar conhecimentos e recursos.

Além do mais, o trabalho aponta para a valorização da herança cultural e das práticas tradicionais da comunidade quilombola, promovendo o reconhecimento do

desenvolvimento ambiental que essa comunidade adota no cultivo e na pesca, almejando a sustentabilidade e a conservação do meio ambiente.

Este Trabalho de Conclusão de Curso está estruturado em seis itens. O primeiro item é a Introdução onde se apresenta o tema, os objetivos e a justificativa. O segundo item apresenta uma revisão bibliográfica, abordando os conceitos de comunidade quilombola, agricultura familiar e pesca artesanal. No terceiro item, a descrição de todas as etapas da metodologia aplicada para o alcance dos objetivos. O quarto item traz uma descrição sobre a comunidade quilombola Engenho Siqueira, apresentando seus pontos característicos. No quinto item é descrito como é realizada a agricultura, como é feita a atividade da pesca e a organização das duas atividades. Por fim, no sexto item é apresentada a conclusão do trabalho seguindo as referências utilizadas.

2. COMUNIDADE QUILOMBOLA, AGRICULTURA FAMILIAR E PESCA ARTESANAL: Uma revisão bibliográfica

2.1 Comunidades Quilombolas

O conceito de comunidade quilombola tem origem no campesinato negro, povos de matriz africana que conseguiram ocupar uma terra e obter autonomia política e econômica. O quilombo contemporâneo está associado a uma interpretação mais ampla, que perpetua a ideia de resistência do território étnico, capaz de se organizar e reproduzir no espaço geográfico de condições adversas, ao longo do tempo, sua forma particular de viver, Anjos (2006, p. 52).

Para Munanga (1995 p. 03–08), o quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de línguas bantu (kilombo, aportuguesado: quilombo). Sua presença e seu significado no Brasil têm a ver com alguns ramos desses povos bantu cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra. Trata-se dos grupos lunda, ovimbundu, mbundu, kongo, imbangala, etc, cujos territórios se dividem entre Angola e Zaire (...). O quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para se

opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos. Escravizados, revoltados, organizaram-se para fugir das senzalas e das plantações e ocuparam partes de territórios brasileiros não-povoados. Os quilombolas são descendentes dos escravizados negros que sobrevivem em enclaves comunitários, muitas vezes antigas fazendas deixadas pelos antigos grandes proprietários. Apesar de existirem, sobretudo após a escravatura, no fim do século passado, sua visibilidade social é recente, fruto da luta pela terra, da qual, em geral, não possuem escritura.

A constituição de 1988 garantiu seu direito sobre a terra da qual vivem, em geral de atividades vinculadas à pequena agricultura, artesanato, extrativismo e pesca, segundo as regiões em que se situam, Diegues (2000, p. 60). Conforme (IBGE, 2022), o Brasil tem 1,3 milhão de pessoas que se identificam como quilombolas, com quase 70% delas concentradas no Nordeste brasileiro, com destaque nos estados da Bahia e do Maranhão. Para os autores Almeida e Abrantes (2021, p.3 – 4), o cotidiano das comunidades quilombolas traz como ponto forte essa relação de seus ocupantes com seus territórios, logo, com o meio natural onde estão inseridos. A terra, e o que nela há, torna-se fundamental para a continuidade da existência desses grupos.

Conforme Giddens apud Hall (2006, p. 14 – 15), nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes. Os saberes tradicionais podem ser compreendidos no sentido de experiências e conhecimentos acumulados por um grupo humano sobre seus recursos naturais e transmitidos de forma dinâmica, mutável e transgeracional, podendo passar por transformações e adaptações ao longo do tempo, e de acordo com uma gama de conjecturas e interesses envolvidos, (Albuquerque, 2005; Elisabetsky, 2003).

2.2 Agricultura Familiar

A agricultura familiar passou por processos de transformação. Segundo Altafin (2005), o conceito de agricultura familiar no Brasil está em processo de evolução, cujas raízes estão intimamente ligadas à produção camponesa tradicional com capacidade de fornecer adaptações às novas exigências da sociedade, mas a agricultura moderna ainda não rompeu permanentemente com as formas de produção de outrora. De acordo com a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura FAO (2018, p. 10), a agricultura familiar pode ser definida como um modo de produção agrícola, silvicultura, pesca, pecuária e aquicultura que administra e opera para uma família e que depende predominantemente de trabalho familiar, incluindo homens e mulheres. As concepções da agricultura familiar mais conhecidas partem do pressuposto que a propriedade das terras e trabalho estão intimamente ligados, visando garantir o sustento da família mediante a produtividade da terra, Lamarche, (1997). A agricultura familiar é baseada na transmissão de conhecimentos passados de geração em geração e no cultivo de alimentos que garantem o sustento diário dos pequenos produtores. Esse modelo de produção é caracterizado por práticas agrícolas tradicionais, sendo muito presente em comunidades quilombolas. Para os autores Nepomuceno e Aragi (2020, p. 78), o cultivo de mandioca, milho, feijão e arroz compõem a base alimentar das comunidades quilombolas desde o Período Colonial. A partir desta cultura alimentar, estruturaram-se modos de fazer o plantio, de colheita e de troca que se tornaram tradicionais dentro da comunidade.

Ao abordar sobre a agricultura familiar, é relevante mencionar o uso de plantas medicinais, cuja diversidade promove uma prática sustentável e conservação dos conhecimentos dos ancestrais. Segundo Almeida (2011); Bidel (2024); Aguiar (2024), os negros africanos trazidos para o trabalho escravizado no Brasil, também contribuíram com seu conhecimento sobre as propriedades medicinais das plantas e muitas espécies da África foram incorporadas à flora brasileira. Cerca de 80% da população mundial depende da medicina tradicional e quase 85% da medicina tradicional envolve o uso de plantas medicinais, (Pereira et al., 2015). Além dos cultivos medicinais, é comum nas comunidades quilombolas o plantio de culturas temporárias e permanentes. De acordo com Crepaldi (1993, p. 56), “são consideradas culturas permanentes as que não estão sujeitas ao replantio

após a colheita, com um período de vida longo, normalmente em torno de três a quatro anos, as culturas temporárias são aquelas sujeitas ao replantio após a colheita com um período de vida curto, normalmente não superior a um ano”.

Conforme o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES, 2018), os Sistemas Agrícolas Tradicionais (SATs) são sistemas de produção dinâmica, nos quais elementos culturais, ecológicos, históricos e socioeconômicos, gerando paisagens características. As práticas agrícolas, a exemplo da compostagem e uso eficiente da água, colaboram para um desenvolvimento sustentável, manejo, o modo de utilização de adubos e a não utilização de agrotóxicos. O conceito de agricultura familiar está presente desde a origem do campesinato, sendo responsável por explicar que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo, Felício (2006, p. 15). É uma importante fonte de renda para muitas famílias e se caracteriza pela variedade de culturas. Para Guanziroli et al. (2001, p. 63), é a principal fonte de ocupação de força de trabalho no meio rural brasileiro.

A diversidade das atividades agrícolas na agricultura familiar é uma forma de ampliar o leque de produtos comercializados e garantir o autoconsumo, Schaffer (2011, p. 10), garantindo assim, a renda de muitas famílias. Segundo os autores Aquino; Alves e Vidal (2021, p. 11), no Nordeste é importante porque gera ocupação e mantém as pessoas no campo, ela também garante alimentos para as famílias e produz boa parte dos produtos vegetais e animais comercializados nas feiras livres semanais e nos mercados das cidades. É executada muitas vezes em propriedades pequenas, sem utilização de maquinários e agrotóxicos, de forma sustentável. De acordo com os autores Altieri e Nicholls (2000, p. 182), a conservação e o manejo da biodiversidade não são possíveis sem a preservação da diversidade cultural. Conforme Diegues et al. (2000, p. 15), “[...] alguns consideram que as culturas e os saberes tradicionais podem contribuir para a manutenção da biodiversidade dos ecossistemas”. Ao citar sobre conservação é importante destacar sobre a agroecologia no contexto da agricultura familiar. De acordo com Veiga (2000), agroecologia é uma abordagem integrada que visa promover sistemas agrícolas sustentáveis, respeitando os princípios ecológicos e promovendo a interação harmoniosa entre os seres humanos e o meio ambiente. É simplesmente a produção de alimentos e a busca para equilibrar os aspectos sociais, econômicos e

ambientais, promovendo o bem-estar das comunidades envolvidas. A agroecologia busca um desenvolvimento sustentável para o meio ambiente e valoriza os saberes tradicionais, conservando as técnicas que os agricultores adquiriram dos seus ancestrais. Uma das técnicas conservadas é a prática da rotação de culturas. Conforme Almeida (1998), a prática da rotação de culturas, alternando diferentes espécies ao longo do tempo, a sucessão ecológica, permitindo a regeneração natural da vegetação, são estratégias aplicadas na Agroecologia para melhorar a “saúde” do solo, controlar pragas e doenças, e promover a resiliência dos agroecossistemas.

2.3 Pesca Artesanal

A pesca artesanal juntamente com a agricultura familiar são práticas vistas como indicadores de qualidade ambiental. Complementa (Catella et al., 2012), os locais onde ocorre a pesca artesanal é considerada um indicador de qualidade ambiental. De acordo com Fonteles – Filho (1989), a atividade pesqueira artesanal se caracteriza pela fragmentação da biomassa da biocenose em grande número de espécies de pequena abundância individual, o que impede a especialização dos métodos de captura e centralização dos desembarques de pescado; ao mesmo tempo, o baixo nível de renda e de poder aquisitivo da população, que determinam uma demanda reduzida, impossibilita a exploração dos recursos ao nível de suas máximas produções sustentáveis. Como afirma Diegues (1988), a pesca artesanal é aquela realizada com embarcações miúdas ou de médio porte, sem instrumentação de bordo e onde a remuneração se faz através da venda do pescado para atravessadores, peixarias, bancas de peixe ou banca própria, podendo ocorrer ainda atividades econômicas complementares sazonais. É por meio da utilização de embarcações pequenas ou médias, ou de outras técnicas de menor escala, que os trabalhadores obtêm os recursos pesqueiros; estes podem ser consumidos pela comunidade ou vendidos (Dos Santos et al., 2012).

A pesca artesanal é caracterizada pelo seu método tradicional e pela transmissão de conhecimentos que são passados de geração em geração, sendo praticada de forma sustentável e contribuindo para a conservação do ecossistema. Conforme os autores Adomilli (2002, p.6) e Duarte (1978), pode ser caracterizada

como um elemento que ‘preside’ a identidade social do grupo, pois exprime mais do que uma condição de existência/subsistência, mas um modo de vida que engloba as demais esferas da vida social. Segundo Platteau (1989), a definição da pesca artesanal se baseia em uma atividade oposta à pesca em larga escala, que utiliza tecnologias sofisticadas e envolve pesados investimentos, acessíveis apenas a uma classe capitalista da qual as comunidades pesqueiras não se incluem. A pesca artesanal é frequentemente apresentada como uma atividade caracterizada pela baixa produtividade e taxa de rendimento (FAO, 1975; Lawson, 1977; Smith, 1979).

Na pesca artesanal, a reprodução social é entendida tanto em função das condições objetivas (trabalho, renda, alimentação) quanto de estruturas simbólicas das relações dos pescadores com os ambientes naturais, a cultura local e os modos de saber – fazer das comunidades pesqueiras (Samaja, 2000; Pascotto, 2005). As famílias buscam passar os ensinamentos da pesca de geração em geração. Conforme Garcia et al. (2007, p. 97), as práticas artesanais são aprendidas no convívio familiar e no contato direto com a natureza e são utilizadas por pescadores e suas famílias para a subsistência. Uma das características da pesca artesanal são as práticas sustentáveis e os conhecimentos adquiridos pelos ancestrais. Segundo o Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2006), a pesca e a relação com o rio marcam a vida material e social dos pescadores artesanais que se utilizam de modo sustentável da biodiversidade existente como fonte de alimentos. Para os autores (Hallwass, 2011; Brito, 2018; Silva, 2019), os pescadores conhecem a melhor época para pescar, o melhor local, o comportamento sazonal das espécies, ou seja, são detentores de importantes saberes tradicionais para pesca artesanal.

3. METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA

A pesquisa foi conduzida por meio de uma análise que busca compreender como os pescadores tradicionais da comunidade quilombola do Engenho Siqueira associam a pesca artesanal às práticas agrícolas. Durante o desenvolvimento da pesquisa, utilizou-se uma abordagem qualitativa como metodologia de estudo. Segundo Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa é uma abordagem metodológica utilizada nas ciências sociais e humanas, cujo objetivo é compreender e interpretar os fenômenos sociais e humanos em profundidade, explorando suas

complexidades e significados subjacentes. A metodologia qualitativa oferece explicações detalhadas sobre fenômenos. Nesse tipo de abordagem, é necessário o uso de técnicas como entrevistas, que apresentam as percepções, experiências e interpretação diante do estudo. A coleta de informações foi feita primordialmente por meio das entrevistas, que serviram como base para conhecer mais profundamente a comunidade quilombola e as práticas de agricultura e pesca. Posteriormente, a análise das informações obtidas, com base no conhecimento exploratório. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 53), a pesquisa exploratória assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso, correspondendo a um levantamento bibliográfico sobre o assunto.

A pesquisa bibliográfica foi necessária para o conhecimento dos estudos já realizados sobre agricultura familiar, pesca tradicional e comunidade quilombola, por meio de revisão de literatura. Conforme Macedo (1994, p. 13), a pesquisa bibliográfica trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar no tema de estudo ou experimentação. A pesquisa bibliográfica auxilia na contextualização, análise e revisão da literatura de obras já existentes, com o intuito de solucionar o problema da pesquisa ou levantar hipóteses, visando adquirir novos conhecimentos sobre o assunto pesquisado. Na pesquisa, foram empregadas buscas nas plataformas *Research Rabbit* e Google Acadêmico como fontes primárias de artigos relacionados.

A coleta de dados e informações direta na comunidade foi realizada em dois momentos. No primeiro momento foi feito um contato com membros da Associação da comunidade, no dia 20 de julho de 2024, para apresentar o projeto do TCC quando foi entregue um resumo do mesmo (Apêndice 1) e solicitado a assinatura de um Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (Apêndice 2) para possibilitar a realização das entrevistas.

A descrição sobre a agricultura familiar na comunidade quilombola foi realizada por meio de estudos bibliográficos e entrevista realizada com moradores, para uma maior compreensão do tema, das práticas de manejo e das técnicas que os agricultores da comunidade do Engenho Siqueira utilizam, com o objetivo de explicar a prática da pesca artesanal na comunidade, descrever como se realiza a agricultura familiar na comunidade e entender como a pesca artesanal e a agricultura familiar complementam-se nas atividades da comunidade.

As entrevistas foram realizadas em dois dias. No primeiro dia, em 27 de julho de 2024, as entrevistas foram realizadas de modo presencial durante a manhã, visitando moradores e familiares da comunidade em suas residências. No segundo dia, 15 de outubro de 2024, as entrevistas foram realizadas de forma online, pela plataforma Google Meet devido a impossibilidade das pessoas entrevistadas estarem disponíveis presencialmente. Para facilitar a identificação dos entrevistados, foi utilizado letras em ordem alfabética (Apêndice 3), conforme a sequência das entrevistas realizadas.

Para a realização das entrevistas foi feita uma amostragem não – probabilística amostragem de conveniência (Saunders; Lewis; Thornhill, 2012), que tem como base a facilidade de acesso e a disponibilidade dos participantes para formar uma amostra em um determinado período ou de acordo com outras especificações práticas. Essa técnica possibilita observar hábitos, opiniões e pontos de vista de forma mais acessível. E assim, vão sendo dadas referências pelos participantes para o recrutamento de outras pessoas para a pesquisa. Só foram entrevistadas treze pessoas, apesar da indicação para entrevistas continuarem, as respostas estavam se repetindo, pois as pessoas da comunidade utilizam as mesmas práticas para pesca e para o plantio.

Durante a realização das entrevistas foi solicitada permissão dos participantes para gravar e fazer registros, e todos consentiram. Foram feitas fotografias de pontos relevantes da comunidade, contribuindo para o desenvolvimento do trabalho.

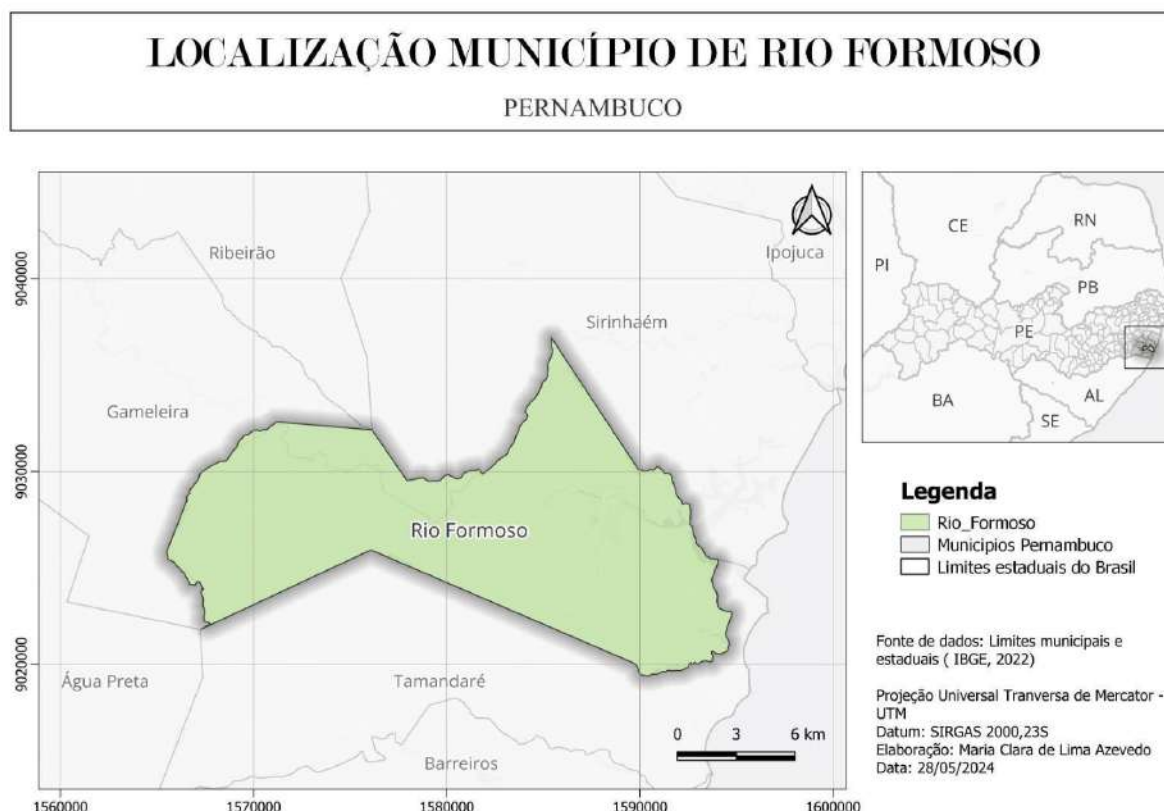
As entrevistas foram direcionadas de forma específica, para pesca, agricultura e a relação de ambas. Após as entrevistas, as gravações e registros fotográficos foram interpretados visando alcançar os objetivos propostos pelo estudo, com foco em uma análise qualitativa.

4. UMA DESCRIÇÃO SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA ENGENHO SIQUEIRA

O Engenho Siqueira está localizado no município de Rio Formoso na Microrregião da Mata Meridional do Estado de Pernambuco (Figura 01). Segundo (IBGE, 2022), o município de Rio Formoso tem uma área territorial 227,458 km², possui 20.009 habitantes, uma densidade demográfica equivale a 87,97 hab/km², um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) corresponde a 0,613, e

um PIB per capita de R\$ 16.015,49. A distância do município de Rio Formoso a Recife é de 87 km. Uma de suas características é o tipo de solo, incluindo Latossolo Amarelo, Gleissolo e Solos Aluviais (Silva et al., 2001).

Figura 01– Mapa de Localização do Município de Rio Formoso no Estado de Pernambuco



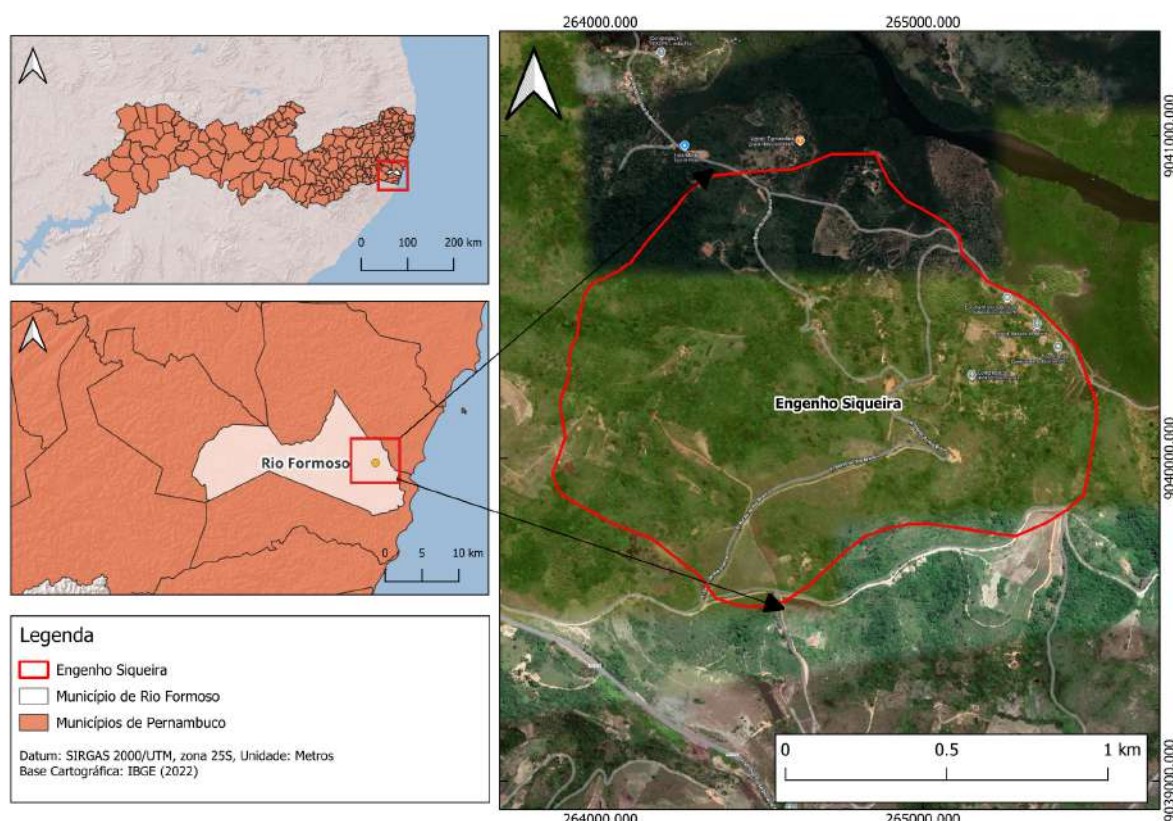
Organização: Maria Clara Azevedo, 2024.

A Comunidade Quilombola está assentada no Engenho Siqueira, o qual se localiza na porção Sudeste do município (Figura 02).

De acordo com o site da Comunidade Quilombola do Engenho Siqueira, o presidente da Associação da Comunidade Quilombola, Cláudio de Freitas Pageú, em seu depoimento, relata que a comunidade foi oficialmente reconhecida pelo Governo Federal em 08 de março de 2005. É a única comunidade quilombola reconhecida pela Fundação Palmares, na Mata Sul do estado de Pernambuco. Contudo, os moradores quilombolas só tomaram conhecimento desse

reconhecimento em 2008, através do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, representado pelo Secretário de Políticas Agrárias, José Paulo de Assis.

Figura 02– Mapa de Localização da Comunidade Quilombola do Engenho Siqueira no município de Rio Formoso



Organização: Maria Clara Azevedo, 2024.

Segundo Moacir Correia, liderança comunitária e morador local, a comunidade quilombola do Engenho Siqueira atualmente abriga 341 moradores, dos quais sendo 230 são nativos, e conta com um total de 160 casas, entre habitadas e desocupadas.

Ademais, a porção norte do Engenho Siqueira é banhado pelo Rio Formoso em cujas margens se estende um extenso manguezal. O Engenho Siqueira abriga uma comunidade quilombola situada às margens de um estuário formado pelo rio Formoso, onde a população utiliza a pesca como forma de subsistência. Conforme Honorato da Silva (2003, p.15), em sua dissertação de mestrado:

O estuário do rio Formoso está inserido na Área de Proteção Ambiental de Guadalupe, no município de Rio Formoso, Pernambuco, localizado a cerca de 87 km da cidade do Recife (8° 37' - 8° 41' S e 35° 04' - 35° 08' W). É um importante ecossistema costeiro do litoral sul do Estado de Pernambuco, principalmente por possuir uma grande biodiversidade com potencial biológico, exercendo um papel de grande importância socioeconômica para a população local.

A pesquisa desenvolvida por Lopes (2019, p. 49), monografia do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com a temática “Análise pós-colonial da agricultura e da pesca na comunidade quilombola do engenho Siqueira/Rio Formoso/PE”, apresenta que:

“A identidade cultural dos quilombolas do Engenho Siqueira está associada ao uso comum da biodiversidade, de morros cobertos de Mata Atlântica, com manguezais e as praias fluviais que atraem há muitos anos, com expressividade, o turismo na região”.

A comunidade quilombola do Engenho Siqueira conserva a sua cultura e os saberes tradicionais, pondo em prática a agricultura familiar e a pesca artesanal, conservando o ecossistema local. A comunidade quilombola também desenvolve o Turismo de Base Comunitária, uma atividade que tem como perspectiva o desenvolvimento local sustentável. Conforme Selva e Braga (2016), na revista “Turismo de Base Comunitária”, esse modelo ocorre na perspectiva do desenvolvimento local sustentável, ganham força ao valorizarem as redes de parcerias e exercitarem a economia solidária, gerando o empoderamento de atores sociais locais e o fortalecimento do território enquanto espaço de identidade local reconhecida e apropriada pela comunidade. A comunidade faz um roteiro para que os turistas visitem os pontos mais atrativos, podendo ser iniciado na Paróquia de São José (Igreja Matriz), em Rio Formoso – PE ou na praia dos Carneiros, Tamandaré-PE.

Os turistas podem explorar diversos pontos atrativos da comunidade, incluindo a Sede da Associação da Comunidade Quilombola Engenho Siqueira, a feira Agroecológica (semanalmente em Rio Formoso), o museu Quilombola Jahbes, o Sítio Santo Aleixo, a pedra grande, além das lendas do Rei Midas e da Pedra de

Dona Inês. Durante a visita, é possível conhecer também as plantas medicinais e ornamentais, a produção agroecológica e a pesca artesanal da comunidade.

Outros pontos atrativos são a bica quilombola, o mirante da comunidade, a casa de farinha e a rota da jaqueira. Além disso, é oferecido também um passeio de barco para conhecer a praia da pedra, o cruzeiro do reduto e a praia do reduto. Trilhas descobrindo o Manguezal e uma pausa para saborear a gastronomia típica, como por exemplo do “funji” prato culinário vindo de Angola, comida típica do país africano, para o preparo é utilizado farinha de mandioca, faz o cozimento da farinha que é mexida com frequência, a consistência final assemelha-se, de uma papa. O prato é servido acompanhado de frutos do mar.

A troca de saberes da comunidade quilombola do Engenho Siqueira acontece dos mais velhos para os mais novos. Os mais velhos levam os mais jovens para a pesca, passando seus ensinamentos a fim de que eles tenham uma boa relação com o manguezal. As mulheres, desde a infância, aprendem com as marisqueiras como realizar a pesca de crustáceos tanto no rio quanto no mar. Alguns dos pescadores da comunidade quilombola produzem seus próprios equipamentos de pesca, como camboa, tarrafa e redes. As mulheres marisqueiras utilizam outros materiais para a pesca, como foice, colher, samburá, gancho e jereré que servem para a pesca de camarão de água doce e siris. Para a captura de sururus e mariscos, as mulheres utilizam o samburá, um cesto de cipó. Os principais alimentos consumidos na comunidade Siqueira são siri, aratu, caranguejo quando está andando, sururu, ostra, peixe e marisco.

O espaço geográfico que caracteriza o Engenho Siqueira possui uma estrutura fundiária de 328 hectares por onde estão distribuídos em aproximadamente 25 sítios de pequena dimensão, abrigando várias casas de herdeiros do antigo sítio.

A comunidade possui diversos pontos dinâmicos como a Associação da Comunidade Quilombola Engenho Siqueira (Figura 03), a igreja Assembleia de Deus (Figura 04), e a Escola Municipal Quilombola José Minervino Roberto (Figura 05) que atende turmas do 2º ano ao 5º ano, além da EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Vale ressaltar que a escola é multisseriada, organizada em duas salas: Ensino Infantil e Ensino Fundamental, nas quais reúne os alunos pertencentes a

várias séries sob a regência de uma única professora. Além disso, a comunidade possui um pequeno museu, o Museu JAHBES (Figura 06) com peças reunidas pelo seu idealizador e organizador Moacir Correia, as quais retratam alguns traços das práticas ancestrais locais e de outras áreas da região Nordeste.

Figura 03 – Associação da comunidade quilombola Engenho Siqueira



Foto: Maria Clara Azevedo, Julho, 2024.

Figura 04 – Igreja Assembleia de Deus



Foto: Maria Clara Azevedo, Julho, 2024.

Figura 05 – Escola Municipal Quilombola José Minervino Roberto



Foto: Maria Clara Azevedo, Julho, 2024.

Figura 06 – Museu JAHBES



Foto: Maria Clara Azevedo, Julho, 2024.

A comunidade possui ainda áreas de lazer como a Bica Quilombola (Figura 07) e o Riacho das lavadeiras de roupas, a qual muitas mulheres lavam suas roupas e aproveitam para se banhar e papear.

Figura 07– Bica Quilombola



Foto: Maria Clara Azevedo, Julho, 2024.

A comunidade possui áreas bem conservadas, conservando a cultura da subsistência e da agrofloresta trazendo uma dinâmica local para os moradores.

5. AS PRÁTICAS AGRÍCOLA E PESQUEIRA REALIZADAS PELA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO ENGENHO SIQUEIRA

5.1 Como é realizada a agricultura

Durante a visita de campo ao Engenho Siqueira, foram compartilhados pelos entrevistados suas experiências de cultivos agrícolas, produtos da agricultura e pesca. Partindo das colocações desses entrevistados, ressalta-se que anteriormente a área era cultivada com a cana de açúcar que era vendida aos engenhos. Depois a produção foi diminuindo e os sítios para a cultivar plantas voltadas apenas para o auto sustento, de culturas permanentes e temporárias. As culturas permanentes mais comuns são: laranja da terra (Figura 08), açafrão

(Figura 9), café (Figura 10), banana (comprida, prata e maçã), (Figura 11), tangerina, jaca, limão, pitanga, sapoti, rambutã, caju, goiaba, acerola, jenipapo, seriguela, jambo, pitomba, fruta-pão, coco, maracujá, manga rosa e espada, mamão, pinha, araçá, macaíba, cupuaçu, graviola, abacate, amora e pimenta do reino.

Figura 08 – Plantação de cultura permanente – Laranja terra



Figura 9– Plantação de cultura permanente – açafrão



Figura 10– Plantação de cultura permanente – café



Figura 11– Plantação de cultura permanente – Banana



Fotos: Maria Clara Azevedo, Julho de 2024.

Percebe-se uma diversidade de cultivos permanentes, os entrevistados abordaram que consomem e também vendem para ganhar uma renda extra.

As culturas temporárias também estão presentes na comunidade, são abacaxi (Figura 12), cana-de-açúcar (Figura 13), jerimum (Figura 14), pimenta de cheiro (Figura 15), milho, feijão de corda e mulatinho, batata, macaxeira, cará São Tomé, inhame, melancia, coentro, alface e pimentão, mandioca e em menor escala as hortaliças.

Figura 12 – Plantação de cultura temporária – abacaxi



Figura 13– Plantação cultura permanente – cana de açúcar



Figura 14– Plantação de cultura temporária – Jerimum



Figura 15– Plantação de cultura temporária – pimenta de cheiro



Fotos: Maria Clara Azevedo, Julho de 2024.

Conforme os entrevistados, o que é cultivado é o suficiente para alimentar a família, parte do que é cultivado é vendido nas feiras de Rio Formoso, Barreiros, Sirinhaém e por encomenda na própria comunidade, gerando uma renda mensal que pode chegar a metade de um salário mínimo ou mais de um salário mínimo. Todos da família participam da produção agrícola. É comum, na comunidade, o aproveitamento dos cultivos quer sejam permanentes, quer sejam temporários, para a fabricação de produtos como azeite, óleo de coco, bolos, polpas de frutas, doces, farinha de mandioca, xaropes de plantas medicinais, goma e massa de mandioca. A entrevistada J comercializa nas feiras, produtos como pães (Figura 16), bolos e doces.

Figura 16 – Pães de milho e de Jerimum



Foto: Maria Clara Azevedo, Julho de 2024.

Dentre os moradores entrevistados, a entrevistada D, de 81 anos, relatou como é sua vivência no seu quintal com as plantas medicinais. Ela relatou que desenvolveu o cultivo de plantas medicinais desde jovem, destacando que a prática foi transmitida pela avó e pela mãe.

Quando perguntada sobre a nomenclatura dessas espécies, a entrevistada D, disse que em seu quintal se cultiva as plantas medicinais como chambá (Figura 17), liga osso (Figura 18), carrapicho barba de boi (Figura 19), cana de brejo (Figura 20) massaranduba, braquiária, dorminhoco, quebra-pedra, papaconia, folha da roça, chambá, araçá, cana da Índia, louro, lima, batata de pulga, canela. Ainda mais, pimenta de cheiro, urucun que ele pisado se faz o açafrão. Também destacou que em seu quintal possui 20 tipos de plantas medicinais, como cidreira, angico, Ipê laranja (folha), colônia, aroeira, pau piranha e jatobá.

Figura 17 – Planta Chambá – tosse



Figura 18 – Planta Liga osso – fortalecer ossos



Figura 19 – Carrapicho barba de boi–catarro na bexiga



Figura 20 – Cana de Brejo– rins



Fotos: Maria Clara Azevedo, Julho de 2024.

A entrevistada F também cultiva plantas medicinais como erva- cidreira, capim- santo, xambá e melissa, que são vendidas no sítio ou em eventos na Feira de Rio Formoso, junto com produtos como lambedor, licor, óleo de coco e azeite.

Todos os entrevistados possuem o hábito de ter em seu quintal ervas medicinais e são utilizadas para cura de várias doenças, (Quadro 1).

Quadro 1 – Utilização de algumas plantas medicinais

Planta	Utilização
Massaranduba	Tira sujeira da mucosa intestinal
Braquiária	Pressão alta
Liga osso	Dores na articulação, ossos quebrados
Dorminhoco	Derrame
Quebra pedra	Pedra nos rins
Papaconia	Resfriado
Folha da roça	Anemia
Chambá	Tosse
Carrapicho barba de boi	Catarro na bexiga
Cana de brejo	Rins

Fonte: Pesquisa direta, Julho de 2024.

Os plantios na comunidade, segundo os entrevistados, são realizados onde há espaço disponível, principalmente em terrenos baixos, enquanto os animais são mantidos nas áreas mais altas. Durante o período de verão os animais são colocados na parte baixa a qual os agricultores chamam de vagem.

Durante a entrevista, foi perguntado aos entrevistados se utilizam medidas para evitar o desgaste do solo. Eles explicaram que adotam algumas técnicas de conservação do solo, o Sistema Agroflorestal (SAF), que é a combinação de árvores com o plantio de outras culturas. Essa prática adotada permite o cultivo consorciado de diversas culturas. A entrevistada L, por exemplo, cultiva bananeiras e, entre elas, faz canteiros de coentro, alface, batata-doce e macaxeira, aproveitando ao máximo o espaço disponível.

Uma das técnicas de plantio mencionada é a “cova de roça”, em que escava para o plantio. Eles utilizam também na plantação o modelo “matumbo” (Figura 21),

que consiste em cavar para colocar a semente ou a raiz. Além dessas duas técnicas, existem também mais dois estilos que são a “ilha” (Figura 22), quando se faz uma elevação de terra para plantar a maniva da mandioca ao redor e o “chacho” que é uma versão menor do “matumbo”.

Figura 21– Práticas de cultivo usando a técnica matumbo



Foto: Maria Clara Azevedo, Julho de 2024

Figura 22 – Práticas de cultivo usando a técnica ilha



Foto: Maria Clara Azevedo, Julho de 2024

Os entrevistados destacaram o uso de adubos orgânicos, como esterco de galinha e gado e cinzas de queimadas. Dentre os entrevistados, apenas os F e G afirmaram que utilizam adubo em pó comprado em sacos (adubo 10–20) para culturas como cana de açúcar, coco e bananeira.

A entrevistada L utiliza fertilizantes naturais na produção, como cama de frango, esterco bovino, compostagem e biofertilizantes. Todos esses fertilizantes são produzidos no próprio sítio, exceto o esterco bovino, que é fornecido por um vizinho. A cama de frango é gerada pelas suas próprias galinhas, a compostagem é feita com resíduos alimentares, e o biofertilizante é produzido com esterco verde.

Para evitar o desgaste do solo e melhorar a sua qualidade, a entrevistada L planta feijão-de-porco, que ajuda a prevenir a erosão e a corrigir o solo. O feijão-de-porco não é consumido e é plantado de forma semelhante ao milho: cava-se 30 cm, coloca três sementes do feijão, cobre e rega duas vezes ao dia, pela manhã e à tarde. Com o passar do tempo, ele vai frutificar e gerar novas sementes. Além disso, a entrevistada L pratica a rotação de culturas para conservar a qualidade da terra.

Os entrevistados também comentaram sobre o uso de irrigação. Apenas o entrevistado C utiliza irrigação em sua plantação pois possui um poço artesiano próximo de sua casa e utiliza mangueira para irrigar. A entrevistada L, não faz uso de irrigação, mas irriga manualmente aquelas que estão mais próximas de sua casa, onde a entrevistada possui uma cacimba.

Segundo os entrevistados, não sofrem com a seca, pois as árvores ajudam a proteger as plantações. No entanto, os entrevistados A e C mencionaram as dificuldades durante o período de seca, sendo o maior desafio a irrigação das plantações e a perda do cultivo.

Algo muito importante de ser apresentado é que as plantações realizadas na comunidade são uma atividade desenvolvida em família, ou seja, é o que se denomina de agricultura familiar. Isso significa que os conhecimentos são uma construção de vivências, que é justamente a transmissão de práticas de cultivos de uma geração para outra. Ainda mais, é de grande relevância destacar que os moradores salientam que acontece o aprimoramento das práticas dos seus ancestrais de geração em geração a partir das realizações de cursos e orientações técnicas. Esses cursos são oferecidos pelo Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA), o programa de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (PAIS), que

tem como objetivo a conservação ambiental e produção de alimentos sem agrotóxicos, e o Programa de Alimentação Quilombola (PA quilombola), do qual a entrevistada L participou. O (PA quilombola) é um acordo entre o governo federal e os municípios, em parceria com a secretaria de Educação, que destina os produtos da comunidade quilombola para a merenda escolar.

Entre os produtos fornecidos para as escolas, estão doces, frutos do manguezal, frango caipira, ovos, coco verde e seco, banana prata e comprida, graviola e mamão. As escolas beneficiadas, a escola Municipal Pedro de Albuquerque, com 1300 alunos, e a escola Municipal Quilombola José Minervino Roberto, que atende turmas do 2º ano ao 5º ano, além da EJA (Educação de Jovens e Adultos).

A entrevistada L destaca que participou juntamente com mais cinco mulheres da comunidade quilombola do Engenho Siqueira um curso de um ano e seis meses oferecido pelo Centro Nacional de Pesquisa e Conservação Marinha do Nordeste (CEPENE), sobre agrofloresta, a partir dele, elas capacitam agricultores da comunidade, transmitindo técnicas aprendidas. Essas capacitações incluem homens, mulheres, jovens e crianças, no total de 50 pessoas, que se reúnem uma vez por mês, para discutirem as técnicas de plantio e como manter as sementes crioulas...

A entrevista L possui uma grande variedade de espécies de plantas em seu sítio. Entre as árvores nativas presentes estão murici, aroeira, imbaúba, acácia, pau-Brasil, amescla, coração-de-negro, ipês (branco, amarelo e rosa), maxixe, sucupira, paineira, cajá, araçá, goiaba, ingá-de-metro, angelim, mutamba e urucum. Durante a entrevista compartilhou que sua motivação para adotar o sistema agroflorestal em sua propriedade veio das lembranças de sua infância, quando vivia em meio a uma mata com uma grande biodiversidade. Com o passar dos anos, a mata foi perdendo as espécies da fauna e da flora, devido a queimadas, desmatamento, caça e retirada, ocasionando a proliferação de plantas indicadoras de solo pobre, onde os agricultores da comunidade chamam de cajueiro-bravo, tiririca e sapé, as quais são espécies invasoras que impedem o crescimento de outras plantas. A entrevistada L afirmou que conheceu a agroecologia através do projeto de extensão do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) na qual ela conseguiu 1500 mudas de plantas de espécies nativas, frutíferas e florestais, além de receber a doação de 50 mudas do pai do entrevistado, C. Atualmente as

espécies que foram plantadas ainda não estão com grande porte, pois fazem apenas 5 anos que elas foram cultivadas.

Para a entrevistada L, a agroecologia é sinônimo de qualidade de vida. Ela explica: “a agroecologia é qualidade de vida. Eu vejo a agroecologia não só um meio sustentável, mas um meio de viver na sustentabilidade, a agroecologia ela tem diversos parâmetros, mas eu acho que a palavra chave da agroecologia é qualidade de vida”.

Além disso, os entrevistados mencionaram que a casa de farinha, onde produzem massa para farinha e goma, destinadas tanto para o consumo quanto para venda. Na comunidade existem três casas de farinhas, uma delas é a casa de farinha do Sítio Santa Maria (Figura 23). Quando estão necessitando, os moradores utilizam a casa de farinha da Prefeitura de Rio Formoso nas proximidades do centro da cidade.

Figura 23 – Casa de farinha – Sítio Santa Maria



Fotos: Maria Clara Azevedo, Julho de 2024.

A casa de farinha do sítio da entrevistada L tem 51 anos (Figura 24), vem de gerações, mas atualmente não está funcionando. Alguns agricultores da comunidade que não possuem casa de farinha vão até o centro da cidade em Rio Formoso para utilizar a casa de farinha com forno elétrico que a prefeitura cede. A entrevistada L explicou que, quando necessário, a produção ocorre a cada 15 dias ou a cada 8 dias em períodos de demandas, passando o dia todo na casa de farinha. A produção envolve mandioca para a fabricação de goma, farinha, beiju e massa de mandioca, com a colaboração de oito pessoas, além de funcionários contratados pela prefeitura. Atualmente a comunidade quilombola do Engenho Siqueira possui três casas de farinhas manuais.

Figura 24 – Casa de Farinha– Sítio São João



Fotos: Maria Clara Azevedo, Julho de 2024.

São poucos os moradores do Engenho que têm criatório. Alguns criam galinhas, abelhas e outros criam gado para leite. Além disso, alguns moradores também produzem licores e doces para comercializar.

5.2 A atividade da pesca

A pesca na comunidade quilombola, segundo os entrevistados, se caracteriza como uma prática realizada no estuário do rio Formoso e o extenso manguezal quando a maré está baixa, geralmente duas a três vezes na semana, onde os pescadores permanecem de 4 a 6 horas no manguezal. Toda a família participa da pescaria para garantir o alimento e a renda extra com a venda do pescado. É realizada para consumo próprio, para vendas e para ocasiões especiais quando os familiares fazem visitas, ou até mesmo quando estão com vontade de comer algo diferente (entrevistados I, J, K e L).

Conforme os entrevistados, o que pescam é o suficiente para alimentar a família e conseguem ainda vender parte do pescado na feira no município de Rio Formoso, ou por encomendas.

Com relação à pesca, a entrevistada L vende, aos sábados, na feira no município de Gameleira, pescados como camarão, sururu, marisquinho e tilápia. O peixe comercializado provém, em parte, do viveiro de seu irmão. Para complementar suas vendas a mesma entrevistada, adquiri frutos do mar na própria comunidade quilombola, pois nessa mesma comunidade há fornecimentos dessas especiarias. A entrevistada L também informou que vende aproximadamente 25 quilos de três pescados: marisquinho, sururu e quebradinho de aratu. A renda mensal obtida com a venda dos pescados varia entre meio salário a um salário mínimo.

A ancestralidade é de grande valor para os entrevistados, quando questionados sobre a aplicação dos conhecimentos adquiridos, afirmaram que utilizam os ensinamentos transmitidos pelos avós, mães e pais. Além desses conhecimentos, eles também recebem orientações e capacitações por meio de cursos, oficinas e pela colônia de pescadores de Rio Formoso, com reuniões realizadas na Associação da Comunidade Quilombola Engenho Siqueira, a fim de passar informações e ensinamentos.

Os entrevistados relataram que adotam práticas sustentáveis para conservar o meio ambiente, como o uso de malhas de 25mm e acima de 80mm, evitando capturar peixes grandes e peixes que estão pequenos e em período de desova. Eles seguem as orientações de captura e esperam as espécies ficarem prontas para

a pesca, proibido pescar aquelas espécies que estão no período da desova. Por exemplo, caranguejos fêmeas e siris ovados não são capturados durante a desova.

Em relação ao peixe mero, uma espécie com baixa produção na comunidade, os pescadores entrevistados evitam a captura para que eles possam se reproduzir. Todavia, os entrevistados desconhecem as leis que protegem as espécies que estão sumindo no manguezal. Entre as espécies capturadas estão: siri, ostra, caranguejo, sururu, carapeta, tainha e baiacu. Entretanto, espécies como zeredo, amoré de garça, arenque, cavala, caraficuaçu e berdigão vem diminuindo, devido ao aumento do número de pescadores e a poluição ambiental.

Os materiais de pesca utilizados pelos entrevistados incluem redes de pesca para captura de peixes maiores (Figura 25), gererê (Figura 26), teteia (Figura 27), tarrafas, arrastão, camboa, redinha, anzol, facão, linha de mão, espeto para coletar sururu, foice para retirar ostras e quenga de coco para cavar a areia em busca de berbigão ou marisquinho. Também utilizam varas como suporte para as redes de pesca, (Figura 28) e canoas (Figura 29), que permitem o transporte dos materiais e o acesso em áreas mais distantes quando a maré está alta.

Além dos materiais de pesca, os pescadores possuem uma casa para guardar os materiais da pescaria (Figura 30).

Figura 25 – Instrumento de pesca-rede



Figura 26 – Instrumento de pesca-gererê



Figura 27 – Instrumento de pesca-teteia



Figura 28 – Varas de suporte para as redes de pesca



**Figura 29 – Instrumento de pesca-
canoas**



**Figura 30 – Casa para guardar os
materiais da pescaria**



Fotos: Maria Clara Azevedo, Julho de 2024.

Em alguns locais da comunidade há viveiros de peixe (Figura 31). Durante a maré alta, a água do manguezal entra no viveiro, trazendo uma variedade de espécies como camarão, carapeba, camurim, mexilhões, pirapitinga, erreque, tainha, entre outras. Esses peixes se desenvolvem no viveiro, onde, ao abrir a comporta, novas espécies são trazidas pela água e acabam se alimentando umas das outras. A comporta é aberta a cada 15 dias.

Figura 31 – Viveiro de peixes



Foto: Maria Clara Azevedo, Julho de 2024.

A pesca é feita no manguezal. Existe na área do Engenho Siqueira o mangue branco que o caule tem uma coloração vermelha ou amarela e o mangue vermelho que possui uma tonalidade avermelhada e folhas simples.

5.3 Entre a pesca e a agricultura: como a comunidade organiza o trabalho

Os entrevistados da comunidade quilombola do Engenho Siqueira alternam as suas atividades entre o plantio e a pesca, podendo ser realizadas no mesmo dia. A pesca, feita durante a maré baixa, ocorre pelo menos três vezes por semana, sem dias específicos, e dura entre quatro a seis horas. Consumindo o pescado no mínimo uma vez por semana.

A agricultura demanda mais tempo que a pesca, sendo realizada diariamente, a plantação geralmente ocorre pela manhã, das 6 às 9 horas, a parte da tarde é reservada para observar as plantações. Os plantios herdados dos avós são conservados, mantendo as tradições e ensinamentos até os dias atuais. A produção agrícola e a pesca são fontes de renda de algumas famílias da comunidade quilombola.

Conforme os entrevistados, não há uma formação específica que incentive os jovens e crianças a praticar a agricultura e a pesca. Os jovens e as crianças da comunidade recebem orientação da família e cursos através da sede da Associação Comunidade Quilombola Engenho Siqueira. A entrevistada L acredita que é essencial engajar os jovens na agricultura e na pesca, assim eles dão continuidade e transmitem os conhecimentos passando de geração em geração.

Como observado, os entrevistados complementam as atividades com a pesca e a agricultura, as quais mantêm a maior parte da base alimentar da população e fonte de renda. Além disso, essas atividades promovem a sustentabilidade ambiental e a conservação dos conhecimentos adquiridos pelos ancestrais.

6. CONCLUSÃO

A pesquisa buscou compreender como a agricultura e a pesca artesanal são realizadas na comunidade quilombola do Engenho Siqueira, verificando os métodos aplicados e analisando a complementaridade das práticas, para promover a sustentabilidade ambiental e cultural. Durante a pesquisa, foi possível observar a organização e o compartilhamento dos conhecimentos tanto dos pescadores quanto dos agricultores da comunidade e a maioria dos entrevistados realizam as duas atividades. O trabalho empenhou-se a analisar as práticas agrícolas e pesqueiras da comunidade, com a finalidade de compreender como as práticas se complementam para fomentar a sustentabilidade ambiental. A partir das observações realizadas durante as entrevistas conduzidas, foi possível identificar a conservação dos saberes tradicionais, das práticas culturais e a conservação dos ecossistemas locais: Mata Atlântica e Manguezal.

Os objetivos propostos no trabalho foram atendidos. O objetivo geral, visou compreender como os pescadores tradicionais da comunidade quilombola do Engenho Siqueira associavam a pesca às práticas agrícolas. Destaca-se a articulação entre as atividades realizadas, no período da manhã e no final da tarde, os entrevistados dedicam-se à agricultura, enquanto nos períodos de maré baixa, aproveitam para ir ao manguezal para pescar.

Foi possível analisar também, que alguns dos entrevistados comercializavam seus produtos em diferentes feiras em Rio Formoso e municípios vizinhos: em alguns dias o pescado e outros dias da semana os produtos agrícolas.

O primeiro objetivo específico do trabalho, possibilitou identificar como é feita a pesca na comunidade, os materiais que os pescadores utilizam e as orientações que eles recebem das reuniões feitas na Associação. Por sua vez, os pescadores artesanais adotam práticas sustentáveis, evitando impactos no ecossistema, utilizando os recursos do manguezal, como frutos do mar, para gerar renda mensal. Entre os entrevistados, há aqueles que vendem o pescado como fonte para adquirir uma renda e outros que pescam para consumo próprio.

Em relação ao segundo objetivo, que foi descrever a agricultura familiar, também foi possível identificar os tipos de cultivos, as técnicas utilizadas na plantação, as medidas utilizadas para combater o desgaste do solo, os fertilizantes

que os entrevistados utilizam, além dos meios utilizados para sustentabilidade ambiental. Os agricultores entrevistados praticam a agricultura de subsistência, comercializando seus produtos em feiras dos municípios próximos. Além disso, eles diversificam a renda com a produção de itens como pães, bolos, doces, leite de coco, óleo de dendê, licores e polpas.

O último objetivo, que tratou da relação da pesca com a agricultura, foi possível entender como a pesca artesanal e a agricultura familiar se complementam no cotidiano da comunidade.

Conclui-se que as práticas agrícolas familiar e a pesca artesanal na comunidade quilombola do Engenho Siqueira, atividades que têm um caráter provisão/subsistência e econômico com a comercialização do excedente, se apresenta como atividades complementares nas quais se perpetua a conservação da cultura baseada no saber advindo da ancestralidade associado a conhecimentos técnicos–científicos adquiridos.

REFERÊNCIAS

ADOMILLI, G. K. (2002). **Trabalho, meio ambiente e conflito: um estudo antropológico sobre a construção da identidade social dos pescadores do Parque Nacional da Lagoa do Peixe – RS** (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

AGUIAR, Valdina dos Santos. **Conhecimentos populares e tradicionais no cuidado e saúde da comunidade quilombola da Ilha São Vicente**. Dissertação. Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino Americano de Arte, Cultura e História, Pós - Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos. Foz do Iguaçu - PR, . 2024.181p.

ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à Etnobotânica**. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

ALMEIDA, D. L. de. **Sistema integrado de produção agroecológica Fazendinha Agroecológica km 47**. In: Souza, J. L. de; Carmo, C. A. S. (eds.). Encontro Nacional sobre Produção Orgânica de Hortaliças, 1, Vitória, 1998. Anais.. Vitória: Empresa Capixaba de Pesquisa Agropecuária (EMCAPA), 1998. p. 77-94. (EMCAPA. Documentos 96).

ALMEIDA, Jonas Ferreira. de Almeida, J. F., Freires, M. A. L., Pinheiro, M. L. B., Duarte, N. M., Silva, W. A. M., Melo, W. F., ... & Maracajá, P. B. **A visão dos médicos e a utilização de plantas medicinais pelo sistema de saúde**. Research, Society and Development, v. 11, n. 11, p. e394111131427 - e394111131427, 2022.

ALMEIDA, M. C. P; ABRANTES, E. S. **Aspectos Ambientais no Cotidiano de Comunidades Quilombolas na Baixada Ocidental Maranhense**. Disponível em: https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628537720_ARQUIVO_a841452a8e03b228c0d0b2059574fd8e.pdf 2021. Acesso em: 28 jul de 2023.

ALTAFIN, I. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Brasília, 2005, 18 p. Disponível em: [http://www.redeagroecologia.cnptia.embrapa.br/biblioteca/agriculturafamiliar/CONCEITO % 20 DE % 20 AGRICULTURA%20FAM.pdf](http://www.redeagroecologia.cnptia.embrapa.br/biblioteca/agriculturafamiliar/CONCEITO%20DE%20AGRICULTURA%20FAM.pdf). Acesso em abril de 2015.

ALTIERI, M.A. **Agroecology: the scientific basis of alternative agriculture**. Colorado: Westview Press, Boulder, 1987.

ALTIERI, M. A. **Entrevista. Agricultura Sustentável**, Jaguariúna, v. 2, n. 2, p. 5-11, 1995.

ALTIERI, Miguel A.& Nicholls, Clara I. **Agroecologia , Teoria y Práctica para uma agricultura sustentable**. 1º edicion. México : PNUD, 2000.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. **Quilombolas. Tradições e cultura da resistência**. São Paulo: Aori Comunicação, 2006.

AQUINO, Joacir. **Agricultura familiar no Nordeste: Um breve panorama dos seus ativos produtivos e da sua importância regional**, p. 11, 2021.

BIDEL, Eloiza Helena de Carvalho et al. **A importância da preservação do patrimônio imaterial nas esferas educacionais e culturais de São Pedro do Sul: práticas do saber natural no meio rural**. Santa Maria – RS. 2024.104p.

BNDES [internet]. **Sistemas Agrícolas Tradicionais (SAT)**. Rio de Janeiro; c2018 [acesso em 14 mar 2023]. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/conhecimento/noticias/noticia/sat-sistemas-agricolas-tradicionais>.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994. cap. 1 e 2, p. 48-52. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1119>. Acesso em: 23 jan. 2024.

BRITO, B. M. F. **Etnoconhecimento e tecnologia da pesca artesanal no rio Tocantins (Região do baixo Tocantins, Pará)**. Cametá, 2018. 24f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Naturais) – Faculdade de Ciências Naturais da Universidade Federal do Pará, Cametá, 2018.

CARBONE, S. A.; PELOSINI, I. E. S.; SULAIMAN, S. N. **Trilhando a sustentabilidade: O turismo de base comunitária do Engenho Siqueira**. São Paulo: Instituto Siades, 2023.

CATELLA, A.C.; MORAES, A.S.; MARQUES, D.K.S.; NASCIMENTO, F.L.; LARA, J.A.F. de; OLIVEIRA, M.D. de; BORGHESI, R. **Pesca: uma atividade estratégica para a conservação do Pantanal**. Corumbá, MS: Embrapa Pantanal, 2012. 3p. ADM – Artigo de Divulgação na Mídia, n.152. Disponível em: . Acesso em: 22 maio 2012.

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade rural uma abordagem decisorial**. São Paulo: Atlas, 1993.

DIEGUES, A. C. (1988). **A pesca artesanal no litoral brasileiro: cenários e estratégias para sua sobrevivência**. Programa de pesquisa e conservação de áreas úmidas no Brasil. São Paulo: Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo e Fundação Ford. 44p.

DIEGUES, Antonio Carlos S.; ARRUDA, Rinaldo Sergio Vieira; DA SILVA, Viviane Capezzuto Ferreira; FIGOLS, Francisca Aida Barboza; ANDRADE, Daniela. **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil** São Paulo: NUPAUB-USP/PROBIO-MMA/CNPq, 2000.

DOS SANTOS, M. P. et al. **A pesca enquanto atividade humana: pesca artesanal e sustentabilidade**. Revista de Gestão Costeira Integrada, [S.L], v. 12, n. 4, p. 405 - 427, 2012.

DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar em Revista, Curitiba, Editora UFPR, n. 24, p. 213-225, 2004.

DUARTE, F. (1978). **As redes do suor: a reprodução social dos trabalhadores da produção do pescado em Jurujuba** (Dissertação de mestrado). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

ELISABETSKY, E. **Etnofarmacologia**. Campinas: Ciência & Cultura, 2003.

ENGENHO SIQUEIRA. **Histórico da Comunidade Quilombola do Engenho Siqueira**. Disponível em: <https://engenhosiqueira.blogspot.com/2011/05/historico-da-comunidade-quilombola-do.html>. Acesso em: 31 out. 2024.

FAO. 1975. **Expert consultation on small-scale fisheries development**. FAO Fisheries Report, Rome. 169p.

FAO. Food and Agricultural Organization. **El trabajo de la FAO en la Agricultura Familiar: Prepararse para el Decenio Internacional de Agricultura Familiar (2019- 2028) para alcanzar los ODS**. Nova York, Estados Unidos: FAO, 2018. Disponível v.22, n.1, 2019 Retratos de Assentamentos 67 Agriculturas e agricultura familiar no Brasil... em: < <http://www.fao.org/3/ca1465es/CA1465ES.pdf>>. Acesso em: 10 set.2018.

FELÍCIO, M. J. **A conflitualidade dos paradigmas da questão agrária e do capitalismo agrário a partir dos conceitos de agricultor familiar e de camponês**. Campo-Território, Maringá, v. 1, n. 2, p. 14-30, ago. 2006.

FONTELES-FILHO, A. A. **O setor pesqueiro como produtor de alimentos no Brasil**. Ciência e Tecnologia de Produtos Pesqueiros. Canada, v.1a, cap.3, p.1075-1124, 1989.

GARCIA, Narjara Mendes; YUNES, Maria Angela Mattar; CHAVES, Priscila Freitas; SANTOS, Lúcia Oliveira dos. **Educando meninos e meninas: transmissão geracional da pesca artesanal no ambiente familiar** - Psicologia da Educação, São Paulo, 2007, p. 93-112.

GUANZIROLI, C. et al. 2001. **Agricultura familiar e reforma agrária no século XXI**. Rio de Janeiro, Garamond. 284p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade/ Stuart Hall**.- Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro.- Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

HALWASS, G. **Ecologia humana da pesca e mudanças ambientais no baixo rio Tocantins, Amazônia Brasileira**. Porto Alegre, 2011. 91f. Dissertação (Mestrado em Ecologia) – Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

HONORATO, Marcos. **Fitoplâncton do estuário do Rio Formoso (Rio Formoso, Pernambuco, Brasil): Biomassa, Taxonomia e Ecologia**. 2003. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Oceanografia, 2003.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . **Censo Brasileiro de 2022**. Cidades e Estados: IBGE, 2022.

IPA – INSTITUTO AGRONÔMICO DE PERNAMBUCO. **Instituto Agrônomo de Pernambuco**. Disponível em: <https://site.ipa.br/>. Acesso em: 6 set. 2024.

LAMARCHE, H. (Coord.). **Agricultura familiar: comparação internacional. Uma realidade multiforme**. v.1, 2. ed. São Paulo: Unicamp, 1997.

LAWSON, R. 1977. **New direction in developing small-scale fisheries**. Marine Policy, 1(1): 45-51.

LOPES, Thiago Francisco Ferreira. **Análise pós- colonial da agricultura e da pesca na comunidade quilombola do engenho Siqueira/ Rio Formoso/PE**, 2019. Monografia - Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Departamento Acadêmico de Meio Ambiente, Saúde e Segurança, 2019.

LOUREIRO, Janaína; BRAGA, Maíra; SELVA, Vanice; MOTTA, Zilda. **Ecoturismo e Desenvolvimento Local para a RPPN de Maracaípe-PE**. In: CORIOLANO, Luzia Neide; LIMA, Luiz Cruz. Turismo Comunitário e Responsabilidade Socioambiental. Fortaleza, EDUECE, 2003, p. 301-325.

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1994.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do Quilombo na África**. In: Revista USP, n. 28, São Paulo, 1996.

MMA. Cametá: **Acordos de Pesca: uma alternativa econômica e organizacional**. Brasília: Subprograma Projeto Demonstrativos, 2006.

NEPOMUCENO, I. A.; ARAGI, J. C. **Rede de conhecimento sobre a produção quilombola de alimentos no IFSP Campus Registro: cultura e tradição alimentar**. Revista Ingesta, São Paulo - v2. n1 - set. 2020.

PASCOTTO, V. F. **Pesca artesanal no Rio Grande do Sul: os pescadores de São Lourenço do Sul e suas estratégias de reprodução social**. 2014. 166 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PEREIRA, J. B. A.; RODRIGUES, M. M.; MORAIS, I. R.; VIEIRA, C. R. S.; SAMPAIO, J. P. M.; MOURA, M. G.; DAMASCENO, M. F. M.; SILVA, J. N.; CALOU, I. B. F.; DEUS, F. A.; PERON, A. P.; ABREU, M. C.; MILITÃO, G. C. G. & FERREIRA, P. M. P. **O papel terapêutico do Programa Farmácia Viva e das plantas medicinais no centro-sul piauiense**. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, Campinas, v.17, n.4, p.550-561, 2015.

PLATTEAU, J.P. 1989. The dynamics of fisheries development in developing countries: a general overview. Development and Change, 20(4): 565-597.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª. ed. Novo Hamburgo: Universidade Freevale, 2013.

SAMAJA, J. **A reprodução social e a saúde: elementos metodológicos sobre a questão das relações entre saúde e condições de vida**. Salvador: Casa da Qualidade Editora, 2000. 103 p.

SAUNDERS, M; LEWIS, P; THORNHILL, A ***Research Methods for Business Students*** 6th ed. [S.l.: s.n.], 2012.

SEBRAE. Projeto PAIS – **Produção Agroecológica Integrada e Sustentável**.

Disponível em:

<https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ms/sebraeaz/projeto-pais-producao-agroecologica-integrada-e-sustentavel,6cb5f2cd2f3a9410VgnVCM2000003c74010aRCRD>. Acesso em: 6 set. 2024.

SELVA, V. S. F; BRAGA, M. B. **O turismo de base comunitária pode ser um caminho para o desenvolvimento local?** REDE – Revista Eletrônica do PRODEMA Fortaleza, Brasil, v. 10, n. 1, p. 38-53, jan./jun. 2016.

SILVA, F.B.R.; SILVA, M.A.V.; BARROS, A.H.C.; SANTOS, J.C.P.; SILVA, A B.; CAVALCANTI, A.C.; SILVA, F.H.B.B.; BURGOS, N.; PARAHYBA, R.B.V.; OLIVEIRA NETO, M.B.; SOUZA NETO, N.C.; ARAÚJO FILHO, J.C.; LOPES, O.F.; LUZ, L.R.Q.P.; LEITE, A.P.; COSTA, L.G.M. & SILVA, C.P. 2001. **Zoneamento Agroecológico de Pernambuco - ZAPE**. Recife: Embrapa Solos - Unidade de Execução de Pesquisa e Desenvolvimento - UEP Recife; Governo do Estado de Pernambuco (Secretaria de Produção Rural e Reforma Agrária). (Embrapa Solos. Documentos; no. 35). ZAPE Digital.

SILVA, R. C. **Etnoictiologia da pesca artesanal no rio Ovídio, município de Cametá-PA**. Cametá, 2019. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação do Campo) – Faculdade de Educação do Campo da Universidade Federal do Pará, Cametá, 2019.

SCHAFFER, C. J.O. **A diversidade de atividades agrícolas na agricultura familiar do município de Sertão Santana, RS, a partir do programa municipal de incentivo à avicultura**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural)– Universidade Federal do rio Grande do Sul. Arroio dos Ratos, 2011.

SMITH, I.R. 1979. **A Research framework for traditional fisheries**. ICLARM Studies and Reviews No. 2. International Center for Living Aquatic Resources Management, Manila. 45p.

VEIGA, J. E. da. **A face rural do desenvolvimento: natureza, território e agricultura.** Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000. 197p. (Série Estudos Rurais).

APÊNDICE 1

RESUMO DO PROJETO



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

APÊNDICE 1: Resumo do Projeto de pesquisa apresentado na comunidade

PROJETO - A PRÁTICA AGRÍCOLA FAMILIAR E A PESCA ARTESANAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO ENGENHO SIQUEIRA- RIO FORMOSO, PERNAMBUCO

Aluna: Maria Clara de Lima Azevedo -- Universidade Federal de Pernambuco

Orientadora: Professora Vanice Selva -- Universidade Federal de Pernambuco

Justificativa do Projeto

O projeto é um Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura em Geografia que trata da temática da prática agrícola e da pesca artesanal e se insere no contexto da Geografia Agrária e na Geografia Cultural por trazer o tema de práticas econômicas que envolve a pesca e o cultivo de alimentos em comunidade rural com traço cultural de comunidade quilombola e do seu modo de vida. Se justifica pelo interesse surgido a partir da visita à comunidade durante aula de campo do curso de Geografia.

Objetivo

Compreender como pescadores tradicionais realizam práticas da agricultura familiar e da pesca artesanal na comunidade quilombola do Engenho Siqueira, cujo resultado pode servir de bibliografia para o entendimento de como a comunidade organiza as suas atividades e para aqueles que sentem interesse de conhecer a comunidade quilombola e suas práticas.

Como será realizado

Através de pesquisas já realizadas e documentos já produzidos sobre a Comunidade Quilombola Engenho Siqueira e de realização de entrevistas com famílias da comunidade que realizam pesca e agricultura

O que se espera do Projeto

Produzir um trabalho escrito para a conclusão do curso de Geografia da aluna que, quando concluído, será apresentado e entregue na comunidade de modo que possa compor o acervo de informações sobre as práticas econômicas da comunidade.

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A Associação Comunidade Quilombola Engenho Siqueira, (ACQES) CNPJ: 08.923.377/0001-24, município de Rio Formoso do Estado de Pernambuco, manifesta por meio deste termo a concordância para participar, voluntariamente, do estudo tendo como foco de pesquisa-ação, **A PRÁTICA AGRÍCOLA FAMILIAR E A PESCA ARTESANAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO ENGENHO SIQUEIRA- RIO FORMOSO, PERNAMBUCO** coordenado pela professora Vanice Santiago Fragoso Selva da Universidade Federal de Pernambuco, estando ciente de que o título deste trabalho poderá sofrer alteração no decorrer da pesquisa.

Concordo que as informações possam ser utilizadas em futuras publicações, desde que o anonimato e o sigilo das respostas dos participantes da associação sejam garantidos. Reservo-me o direito de interromper a participação quando desejar ou achar necessário, e de não responder a qualquer questionamento que não julgue pertinente.

Rio Formoso, 20 de julho de 2024.

Documento assinado digitalmente
 **CLAUDIO DE FREITAS PASEU**
Data: 21/08/2024 11:33:29-0300
verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura

APÊNDICE 3**CORRESPONDÊNCIA DOS ENTREVISTADOS COM CÓDIGOS**

Entrevistado 1	A
Entrevistado 2	B
Entrevistado 3	C
Entrevistado 4	D
Entrevistado 5	E
Entrevistado 6	F
Entrevistado 7	G
Entrevistado 8	H
Entrevistado 9	I
Entrevistado 10	J
Entrevistado 11	K
Entrevistado 12	L
Entrevistado 13	M

APÊNDICE 4

PERGUNTAS DAS ENTREVISTAS

PERGUNTAS SOBRE A PESCA

- 1) A pesca na comunidade é para consumo próprio ou vendas?
 - 1.1 Como fazem a pesca? Todos os dias?
 - 1.2 Mais de uma pessoa da família faz pesca?
 - 1.3 O que a pesca dá para alimentar a família?
 - 1.4 Sempre conseguem vender parte do que pesca?
 - 1.5 Vendem na comunidade ou fora dela?
 - 1.6 Quanto conseguem ganhar com as vendas de pescados por mês?
- 2) Quais as boas práticas adotadas pelos pescadores artesanais para não prejudicar o meio ambiente?
- 3) Utilizam conhecimentos aprendidos dos ancestrais para desenvolver a pesca? Quais conhecimentos?
- 4) Quais são as espécies capturadas?
- 5) Quais espécies vem diminuindo na pesca?
- 6) Existe alguma lei que proteja as espécies que estão sumindo no mangue?
- 7) A Comunidade espera as espécies ficarem prontas para a captura?
- 8) Existe algum regulamento na comunidade ou de alguma lei estabelecida para a captura e tamanho mínimo de peixes?
 - 8.1 Qual regulamento?
 - 8.2 E entre a comunidade? Algum acordo?

PERGUNTAS SOBRE A AGRICULTURA

- 1) Quais os plantios são feitos na comunidade?
 - 1.1 Culturas permanentes? Quais?
 - 1.2 Culturas temporárias? Quais?
- 2) Como é feito o plantio?
- 3) O que plantam dá para alimentar a família?
- 4) Mais de uma pessoa da família participa da produção agrícola?
- 5) Sempre conseguem vender parte do que plantam?
- 6) Quais os produtos da agricultura são vendidos?
- 7) Vendem na comunidade ou fora dela?
- 8) Existe medidas para evitar o desgaste do solo?
- 9) Que tipo de adubo é usado?
- 10) Usam irrigação? Se sim, qual tipo faz?
- 11) Que tipo de prática usam para plantar?
- 12) Utilizam conhecimentos aprendidos dos ancestrais para desenvolver a agricultura? Quais conhecimentos?
- 13) Utilizam conhecimentos aprendidos em cursos ou orientação técnica para desenvolver a agricultura? Quais conhecimentos?
- 14) Quanto conseguem ganhar com as vendas da produção por mês?
- 15) No período de estiagem ou de inundações, quais os desafios enfrentados?

PERGUNTAS SOBRE A AGRICULTURA E A RELAÇÃO COM A PESCA

- 1) Como alternam o plantio e a pesca?
- 2) Enquanto está cuidando da roça (durante o plantio, cuidados e colheita) , quantos dias na semana usam para pescar? Quantas vezes por semana se alimenta de pescado?
- 3) Existe alguma orientação ou formação que impulse jovens e crianças a desempenhar práticas sustentáveis para agricultura e para a pesca?
- 4) Existe alguma orientação ou formação que prepare os jovens para o trabalho comunitário?
- 5) Que tempo utilizam por semana para cada prática?

5.1 Pesca

5.2 Agricultura

PERGUNTAS SOBRE O SISTEMA AGROFLORESTAL

- 1) O que você diria a outros agricultores que estão pensando em adotar a agrofloresta?
- 2) O que motivou você a adotar o sistema florestal em sua propriedade?
- 3) O que é agrofloresta para você?
- 4) Como é feito esse sistema agroflorestal na sua propriedade?
- 5) Quais espécies de árvores você plantou no seu sistema florestal, e como escolheu essas espécies?
- 6) Há quanto tempo você usa o sistema agroflorestal?
- 7) Quais são os benefícios que você percebeu com a agrofloresta?